

## TRADUÇÃO

Sobre a linha

Über die Linie

Ernst Jünger

Tradutor

Prof. Dr. Marco Aurélio Werle  
Universidade de São Paulo - USP<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO DO TRADUTOR

A tradução que se segue do ensaio de Ernst Jünger, intitulado *Sobre a linha* (*Über die Linie*) (1950) foi motivada sobretudo pelo fato de ter suscitado uma resposta de Martin Heidegger, apresentada no texto *Sobre o problema do ser* (*Zur Seinsfrage*, 1955), traduzido entre nós por Ernildo Stein, em 1969, para a Editora Duas Cidades e reeditado pela Editora Vozes, no volume *Marcas do caminho*, em 2008. Desse modo, o leitor brasileiro terá agora à disposição um material que lhe permitirá acompanhar mais de perto e complementar as ponderações heideggerianas. A tradução do texto de Jünger já foi publicada anteriormente nos *Cadernos de Tradução*, n. 3, do Departamento de Filosofia da USP, em 1998. Reedita-se aqui a mesma tradução, sem alterações. A primeira edição deste ensaio surgiu em *Contribuições para o 60º aniversário de Martin Heidegger*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1950. A tradução segue a 4ª edição de 1952, da mesma editora.

O assunto do texto de Ernst Jünger é o niilismo, abordado segundo um esquema oriundo da linguagem médica: prognóstico, diagnóstico e terapia, conforme indica o sumário. Já o horizonte temático aponta para uma certa recepção de Nietzsche, cujo quadro teórico é transposto para a realidade europeia imediatamente posterior à

---

<sup>1</sup> E-mail: [mawerle@usp.br](mailto:mawerle@usp.br), Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0602-0996>

Segunda Guerra Mundial. A carta resposta de Heidegger, por sua vez, concorda com a perspectiva de Jünger, embora procure ao mesmo tempo aprofundá-la a partir de uma discussão da questão do nada e sua relação com o esquecimento do ser. Heidegger considera que Jünger discute a situação *trans lineam*, ao passo que ele mesmo pretende discuti-la *de linea*. E, assim, retoma temas colocados em sua preleção *Que é metafísica?* (1929), onde havia estabelecido a relação entre o ser, o nada e a nadificação do nada, bem como ressalta questões relativas à essência da técnica. O ensaio *A questão da técnica* de Heidegger é dessa mesma época, de 1953, tendo sido influenciado por obras de Ernst Jünger, como *A mobilização total* e *O Trabalhador*. Heidegger menciona essas obras em *Sobre a questão do ser*, dizendo inclusive que se ocupou em 1939-40, num pequeno círculo de professores universitários, com *O Trabalhador*. Ficam aqui, portanto, algumas indicações breves sobre o debate envolvendo os dois pensadores e do qual *Sobre a linha* dá testemunho.

## SUMÁRIO

### 1 PROGNÓSTICO

O prognóstico favorável de Nietzsche compartilhado por Dostoiévski. Otimismo e pessimismo podem ser igualmente frutíferos. Condenável é o derrotismo, porque ele provoca a *hybris*.

279

### 2 DIAGNÓSTICO

O niilismo como força fundamental não é passível de apreensão, contudo, subsistem representações sobre seu percurso. O niilismo somente apalpa o nada. O nada não pode ser igualado ao caos, à doença ou ao mal, mas ele é um evento de redução, ao qual também a diminuição do maravilhoso está ligada. A diminuição atingiu, entretanto, fases finais. Com isso subsiste a esperança de que possamos sair do estilo de fábrica.

### 3 TERAPIA

O que fazer em tal situação? Vale orientar-se frente à igreja, ao leviatã, ao mundo organizado. Segurança existe no deserto que deve ser reconhecido como a pátria da morte, do Eros e da criação baseada nas musas. Também o pensamento conduz para este mundo inseparado. Deve ser encontrada sobretudo segurança no próprio peito. Então o mundo se modificará.

## 1

Nas proposições introdutórias do *Vontade de potência*, Nietzsche se caracteriza como o “primeiro niilista completo da Europa, mas que já viveu em si o niilismo até o fim, – que o tem atrás, sob e fora de si.”

A isso se segue a observação de que em sua obra já se anuncia um *contramovimento*, que “em algum futuro” irá acabar com aquele niilismo consumado, mesmo que o pressuponha como necessário.

Mesmo que já se tenham passado mais de 60 anos desde a concepção destes pensamentos, eles ainda atuam estimulantes sobre nós, como proposições que tratam de nosso destino. Entretanto, eles se completaram em conteúdo, em vida vivida, fatos e sofrimentos. A aventura espiritual confirmou-se e reiterou-se na realidade.

Se a partir da posição que alcançamos olharmos para trás, para aqueles enunciados, parece anunciar-se neles um otimismo que falta para observadores posteriores. O niilismo não é, portanto, visto como algo terminado, mas muito mais como fase de um evento espiritual que o abarca e que não somente a cultura poderá superar e decidir em seu transcurso espiritual, mas também o indivíduo em sua existência pessoal, ou algo que poderá curar-se como uma cicatriz.

Como foi dito, o prognóstico favorável não é compartilhado por observadores posteriores. A proximidade torna a montanha somente mais clara em suas particularidades, mas não em seu contorno. Acrescente-se a isso que o primeiro plano do declínio no seio do completo desdobramento do niilismo ativo se torna muito forte para ainda permitir espaço para suposições que se estendam para fora do mundo tomado pelo espanto. O fogo, as paixões e o terror dominam, mesmo que somente por um instante. O conhecimento certamente não pode completar o espírito na zona da catástrofe. Também quase não existe consolo nela. O que poderia ser dito aos troianos no momento em que os palácios de Tróia caíam? Que Enéas iria fundar um novo reino? O olhar pode dirigir-se para este e aquele lado da catástrofe e para o futuro, e percorrer os caminhos que para lá levam – mas no turbilhão da catástrofe reina o presente.

Vinte anos antes, Dostoiévski terminou o manuscrito *Raskolnikov*, publicado em 1886 no “Mensageiro Russo”. Há muito tempo toma-se esta criação como a outra grande fonte para o conhecimento do niilismo. O objeto de observação é exatamente o mesmo do *Vontade de potência*. Mas a perspectiva de observação é distinta. O olhar do alemão se dirige para a massa construtiva e espiritual e um

sentimento de ousadia, de aventureiro superior, acompanha sua visão. O russo, ao contrário, se ocupa com conteúdos morais e teológicos. Nietzsche cita-o de passagem e somente deve ter conhecido parte de sua obra, na qual sobretudo lhe cativava a maestria psicológica, isto é, a maestria do ofício.

Ambos foram diferentemente situados numa relação comparativa com Napoleão. Isto aconteceu de modo mais fundamental num trabalho específico de Walter Schubart. Nesta comparação há a constatação de que tanto no *Vontade de Potência* quanto no *Raskolnikov* a referência a Napoleão desempenha um papel significativo. O grande indivíduo libertado dos últimos grilhões do século XVIII é percebido aqui pelo seu lado de luz, e lá pelo seu lado de sombras – aqui no gozo do novo poder que aflui em abundância, e lá, no sofrimento, que indissociavelmente está ligado a este poder. Ambos os procedimentos se complementam como saídas positivas e negativas para a representação da realidade espiritual.

Enquanto indício favorável, pode-se interpretar que ambos os autores concordam com o prognóstico. Este também é otimista em Dostoiévski: ele não vê o niilismo como a última fase, a mortal. Ele a concebe muito mais como curável e, na verdade, curável por meio da dor. O destino de Raskolnikov anuncia em seu modelo a grande transformação da qual participam milhões de pessoas. Tem-se também aqui a impressão de que o niilismo é apreendido como fase necessária no seio de um movimento direcionado para objetivos determinados.

A questão acerca de quais pontos o movimento nesse meio tempo alcançou é, por isso, de primeira ordem e impõe-se imediatamente em cada julgamento da situação, em todas as conversas e interrogações pessoais que se ocupam com o futuro. A resposta, todavia, como quer que sempre a formulemos e a desconstruamos será sempre discutível. A razão disso é que ela depende menos de fatos do que da disposição e da perspectiva de vida em geral. Por outro lado, isto torna a resposta instrutiva a partir de um outro e coercitivo modo.

O otimismo ou também o pessimismo de uma tal resposta se ancora em provas, mas não se fundamenta nelas. Trata-se de níveis distintos: a profundidade empresta força de convencimento ao otimismo, e a clareza a empresta à prova. O otimismo pode alcançar níveis onde cochila e frutifica o futuro. Neste caso, topamos com ele como um saber que alcança mais fundo do que a violência dos fatos – sim, que pode criar fatos. Seu ponto forte reside antes no caráter do que no mundo. Um otimismo assim fundido deve ser avaliado em

si, na medida em que aquele que o traz deve vivenciar a vontade, a esperança e também a perspectiva e subsistir na transformação da história e de seus perigos. Nisto reside muita coisa.

O pessimismo não deve ser visto como algo que contradiz este otimismo. A catástrofe está rodeada de correntes pessimistas, essencialmente correntes de cultura pessimistas. O pessimismo pode manifestar-se como em Burckhardt, como nojo do que se vê subir – desviamos então o olhar para quadros mais belos, mesmo se do passado. Outras vezes há reviravoltas para o otimismo, como em Bernanos – a luz brilha quando se tornou bem escura. É exatamente a absoluta superioridade do inimigo que depõe contra ele. Por fim, existe o pessimismo que, mesmo sabendo que o nível caiu, concebe para o novo nível a possibilidade da grandeza e, em especial, confere o prêmio à inércia, à manutenção de postos perdidos. Aqui está o ganho de Spengler<sup>2</sup>.

É o derrotismo, que hoje se espalhou de modo incomum, quem contradiz muito mais o otimismo. Não se tem mais nada a contrapor ao que se vê aparecer, nem valores nem força interior. Nesta disposição, o pânico não encontra resistência e se espalha como um turbilhão. A maldade do inimigo e o que há de assustador nos meios parece erguer-se numa mesma medida, enquanto nos homens cresce a fraqueza. Por fim, o terror os envolve como um elemento. Nesta situação, o boato niilista tritura o pânico e o prepara para o declínio. A angústia captura com avidez o que é assustador, aumentando-o. Está constantemente à caça disso.

“Você ouviu novamente um novo horror de Holofernes?” pergunta, no *Judite* de Hebbel, um cidadão em saudação a outro. A peça acerta com méritos a disposição do boato niilista, que se alinha a figuras aterradoras como Nebukadnezar e seus métodos. Diz-se de Holofernes que é alguém que se acha misericordioso, quando o ardor de uma e mesma cidade lhe basta como ornato de espada e jantar. “Sorte que os diques e portões não tem olhos! Eles desabariam de angústia se pudessem ver todo o horror.”

É isto, então, que desafia a *hybris* dos detentores de poder. Para todas as forças que querem espalhar o susto, o boato niilista expõe o mais forte meio de propaganda. Isto não vale menos para o terror, que está voltado para o interior, do que para o boato, que está voltado para o exterior. O primeiro, o terror, se

---

<sup>2</sup>Oswald Spengler, com sua obra *O declínio do ocidente* (1918-22), exerceu influência sobre um ensaio de Jünger intitulado *A luta como vivência interior* (1922). Neste ensaio expressionista, Jünger tentou deixar emergir a vivência pessoal da Primeira Guerra Mundial numa espécie de doação metafísica de sentido (N. T.).

empenha em proclamar a superioridade que a sociedade detém sobre o indivíduo. A superioridade deve ser captada moralmente pela consciência: “O povo é tudo; você não é nada!” e ao mesmo tempo estar constantemente presente para o espírito como ameaça física, como contínua proximidade espacial e temporal da privação e da liquidação. Nesta situação, a angústia atua ainda muito mais do que a força. Boatos tem maior valor do que fatos. A indeterminação age de modo mais ameaçador. Por esta razão, prefere-se ocultar o aparelho de espanto e seus sítios são transferidos para desertos.

Com o outro, o terror externo, se ocupa a zona de espanto, por meio da qual o Estado se envolve com outros Estados. Para ela importa o efeito de górgona, o brilho sem salvação que emana das armas quando são mostradas de longe – sim, quando apenas se permite que sejam pressentidas. Também aqui conta-se com a angústia que deve elevar-se a visões apocalípticas. Pretende-se fazer com que o adversário acredite que se pode promover declínios de mundos. Como primeiro exemplo vale a propaganda que precede o lançamento de bombas aéreas sobre a Inglaterra e que torna o sombrio anúncio uma catástrofe cósmica.

283

Entretanto, os métodos se reforçaram tanto em envergadura quanto em refinamento. Eles devem mostrar que se possui potência ilimitada e que não se tem receio de as desencadear em conflitos. Nessa disputa é almejada a cópula da superioridade física com a ideológica, que deve ofuscar para além das fronteiras, mesmo quando não há ações em curso. As ações também nem são desejadas – neste estado, as guerras podem parecer acidentes em grande estilo, que todo mundo procura evitar. Em contrapartida, casos são possíveis em que um dos parceiros não se mostra mais no nível da tensão, e que, sem o emprego exterior de violência, se despedaça em sua articulação. A este efeito são atribuídas aquelas fases que foram designadas como guerra de nervos. Um tal desmoronamento, assim como Sartre o descreveu em “A sursis”, sempre deverá pressupor uma quantidade de desmoronamentos particulares. O Estado não se torna somente oco com seus dirigentes, mas também com seus estratos anônimos. O indivíduo é atraído para o encanto niilista e é por ele emulado. Valeria a pena pesquisar qual comportamento lhe poderia ser atribuído neste protesto. Seu interior é, de fato, o fórum deste mundo; e sua decisão é mais importante do que a de ditadores e detentores de poder. Ela é a pressuposição da decisão deles.

Entretanto, antes de nos voltarmos para esta tarefa, alguns diagnósticos prévios devem tomar lugar. O conceito de niilismo hoje não é somente um conceito não esclarecido e duvidoso. Ele também está aparentado com a polêmica. Deve-se, contudo, pressentir o niilismo como força fundamental de cuja influência ninguém pode furtar-se.

A este caráter penetrante do niilismo se vincula estreitamente o fato de que o contato com o absoluto se tornou impossível, isso se se pretende evitar o sacrifício. Aqui não existem santos. Também não existe a obra de arte completa. Do mesmo modo, não existe uma ordem de pensar superior, embora não haja a falta de planos. Falta o fenômeno principesco de homem. Também na moral aquele estado provisório é reconhecível, o que designamos no *O trabalhador* como sendo o caráter de fábrica. Em termos morais, não precisamos nem do passado nem de algo invisível, um devir. Aqui reside o conflito e, em especial, a confusão dos discursos jurídicos.

Uma boa definição do niilismo poderia resultar da comparação com o agente cancerígeno que se torna evidente. O tornar-se evidente não significa a cura, mas seu pressuposto, tanto quanto homens com ela colaboram. Trata-se de um fenômeno que ultrapassou vastamente a história.

Se consultarmos os dois mestres introduzidos no início, encontraremos em Nietzsche a concepção de que o niilismo é a desvalorização dos valores superiores. Enquanto estado, ele o denomina normal, enquanto estado intermediário, patológico – esta é uma boa distinção, que afirma ser possível ter uma postura adequada a ele, no que toca à sua atualidade. Em relação ao passado e ao futuro, este não é o caso; aqui se impõe a falta de sentido e esperança. O declínio dos valores é antes de tudo o declínio dos valores cristãos. Este declínio corresponde à incapacidade de criar tipos superiores ou somente de concebê-los e desemboca no pessimismo. Este se desenvolve para o niilismo, na medida em que a hierarquia, que já decepcionou, é observada e rejeitada com ódio. Somente permanecem os valores diretores, os valores críticos, portanto: os fracos se quebram neles, os ricos destroem o que não quebra, os mais fortes superam os valores diretores e avançam adiante. O niilismo pode igualmente ser um sinal de fraqueza como também de força. Ele é uma expressão da inutilidade do outro mundo, mas não do mundo e da existência em geral. O grande crescimento traz consigo um esmigalhamento e perecer assustadores e, sob este aspecto, o

surgimento do niilismo como a extrema forma do pessimismo pode ser um sinal favorável.

Com Dostoiévski o niilismo é ativo no isolamento do indivíduo, em sua saída da sociedade, que por essência é comunidade. O niilismo ativo se prepara como uma erupção naquelas semanas em que Raskolnikov passa sozinho em seu quarto em forma de túmulo. O niilismo conduz a um aumento da força física e espiritual às custas da salvação. Ele pode desembocar numa morte horripilante, como a que é descrita em *O idiota*, no destino do estudante Hipólito. O niilismo pode acabar em suicídio, como ocorreu com Ssmerdjakoff no *Os irmãos Karamazov*, e com Stawrogin no *Os demônios* ou com Sswidrigailof no *Crime e castigo* e como ele é de recear com Ivan Karamazov e muitos outros. Na melhor das hipóteses o niilismo poderá levar à cura, depois que se realizou o regresso à comunidade por meio do reconhecimento público da culpa; um nível superior àquele que subsistia antes da entrada no niilismo pode ser conquistado por meio da purificação no inferno ou na *Casa dos mortos*.

Não dá para desconhecer que em ambas as concepções reside um parentesco. Elas avançam igualmente nas três fases seguintes: da dúvida para o pessimismo, deste para ações no espaço destituído de valores e de deuses, e então para novas complementações. Conclui-se disso que uma e mesma realidade é observada, mesmo se de pontos muito afastados.

A dificuldade para definir o niilismo decorre da impossibilidade de alcançar uma representação do espírito do nada. O espírito do nada se aproxima da zona na qual somem tanto as intuições quanto os conhecimentos: os dois grandes meios aos quais ele está referido. Do nada não temos nem imagem nem conceito.

Por isso, o niilismo também apenas se coloca em relação com amarras, com os campos prévios do nada e nunca com a força fundamental mesma. De modo semelhante pode-se experimentar o morrer, mas não a morte. O contato imediato com o nada também é imaginável, mas então a repentina destruição deve ser a consequência, como se centelhas se desprendessem do absoluto. Algumas vezes a destruição repentina é descrita em associação com o suicídio abrupto, como em Malraux e Bernanos. Há uma consciência da existência tornada impossível – então perde sentido a continuação da batida cardíaca, da circulação, da secreção dos rins como também do toque de relógio num defunto. A consequência é uma horripilante putrefação. Stawrogin prevê isso para sua estada na Suíça e escolhe a força. Ele já intui os perigos que hoje estão aliados à defesa da mera segurança.

As particularidades da destruição não são apenas descritas pela literatura, mas também expostas. O artista escolhe a desagregação não somente como tema, mas também se identifica com ela. Ela penetra em sua linguagem, em suas cores. Esta é a diferença entre a literatura do mero nojo e a literatura naturalista, na qual, apesar de todos os objetos feios, o otimismo ainda domina.

Para que se tenha uma concepção do niilismo procede-se bem quando, em primeiro lugar, são isolados os fenômenos que emergem em sua sociedade ou em seu séquito e que, por isso, facilmente se confundem com ele. São estes sobretudo que dão à palavra o sentido polêmico. A eles se acrescentam os três grandes âmbitos da doença, do mal e do caos.

Para começar com o terceiro âmbito, vemos que, para nós, depois de experiências bem adquiridas, não é difícil fazer a distinção entre o que é niilista e o que é caótico. A distinção é, contudo, importante, pois há uma decisão entre o caos e o nada.

Nesse meio tempo provou-se que o niilismo pode bem se harmonizar com amplos sistemas de ordem, tanto que a regra é dada por onde ele é ativo e desenvolve poder. A ordem é para ele um substrato favorável. Ele a transforma em seus objetivos. Pressupõe-se simplesmente que a ordem é abstrata e, por isso, espiritual – nesta linha está em primeiro plano o Estado ilustrado, com seus funcionários e aparelhos e, isso, sobretudo no instante em que as ideias basilares com seu *nomos* e *ethos* foram perdidas ou decaíram, mesmo que num primeiro plano continuem vivendo em grande transparência. Nas ideias, então, somente é observado aquilo que é atualizável e a esta situação corresponde uma espécie de historiografia jornalística.

Muito estreitamente vinculado a este transcurso, no momento em que o Estado se torna objeto niilista, está o surgimento de partidos de massa nas grandes cidades, que procedem tanto racionalmente quanto pela paixão. No caso do sucesso, podem parecer semelhantes ao Estado, tanto que entre ambos dificilmente há distinção. A força vitoriosa na guerra burguesa forma órgãos que correspondem aos do Estado, seja por infiltração ou pelo modo de órgãos sugadores. Por fim, surgem novos soldamentos.

De modo bem semelhante pode-se observar que as forças armadas são tão mais apropriadas para a ação niilista quanto mais delas se afastar o antigo *nomos*, concebido como tradição. Na mesma relação, o puro caráter de ordem e o puro caráter instrumental devem crescer para permitir a possibilidade que cada um, que tenha a mão no poder, possa a cada momento dele se servir.

Já que os exércitos sempre abrigam em si elementos de antiguidade, ali onde servem como meio da transformação o desenvolvimento será também menos rápido. Onde emergem como sujeitos políticos, representados, portanto, por generais, as perspectivas de sucesso são muito menos favoráveis do que onde partidos de massa coordenam as coisas. A tendência de ficar carregando muitas coisas antigas, pessoas e valores, ameaça a ação em sua pressa niilista. Poderia ser estabelecida a máxima de que em tal situação um general deve ser tão importante quanto César ou completamente insignificante.

A ordem técnica é sobretudo apropriada para qualquer transladação e subordinação, mesmo que transforme exatamente por meio desta subordinação as forças que dela se servem, na medida em que as torna trabalhadores. Ela retrata a medida necessária de vazio para o qual pode servir qualquer conteúdo. Isto também vale para as organizações que se alinham a ela - associações, companhias, previdências, sindicatos e outras. Estão todas montadas para o puro funcionamento, cujo ideal é avistado no fato de que "somente é necessário apertar o botão" ou "acender". Por isso, elas também aparentemente se adaptam sem passagem a forças contrárias. Já cedo o marxismo viu na exploração dos trustes e monopólios capitalistas um meio favorável. Com o crescente automatismo, os exércitos adquirem uma perfeição de insetos. Eles então continuam a luta em lugares que, por motivo de sobrevivência, eram considerados criminosos para arte da guerra segundo o velho estilo. O vencedor nesses lugares recruta tropas sob novas indicações de campo. Na verdade, a confiança não será muito significativa e, para isso, a coação se torna refinada, transformando-se em ciência.

De modo bem semelhante se poderá ver que o homem individual sucumbe mais fácil ao ataque de quaisquer forças quanto mais elementos de ordem as preencherem. Conhecidas são as censuras levantadas contra funcionários, juízes, generais e professores. Elas se dirigem contra uma peça teatral que sempre novamente retornará, tão logo houverem revoluções. Não se pode transferir as posições para puras funções e aí esperar que seu *ethos* se mantenha intacto. A virtude dos funcionários reside no seu funcionamento, e é bom que não se tenha ilusões acerca disso também quanto aos tempos de paz.

Isto deve bastar para indicar que o niilismo pode de fato se harmonizar com amplos mundos da ordem e que, inclusive, para se manter ativo, necessita deles em grandes proporções. O caos somente será visível onde o niilismo vier a fracassar em suas constelações. Mesmo no seio de catástrofes é instrutivo ver o

quanto a acompanham os elementos de ordem, como quase a acompanham até o fim. Isto deixa claro que a ordem não é somente adequada ao niilismo, mas que pertence ao seu estilo.

O caos, portanto, é no máximo uma consequência do niilismo e nem das piores. Decisivo é saber quanta anarquia autêntica está oculta no caos e, junto a isso, quanta frutificação desordenada. A anarquia deve ser procurada no indivíduo e na sociedade, não nas ruínas decorrentes da quebra do Estado. As sentenças de Zarathustra dirigidas contra o “dragão do Estado” e, principalmente, a ideia do eterno retorno são indicações claras de que em Nietzsche o niilismo não penetrou nas profundezas. O anarquista terá frequentemente uma relação com a abundância e com bens e em seu bom tipo assemelhar-se-á antes aos primeiros do que aos últimos homens. O niilista também o considerará como inimigo onde ele chegar ao poder. Na guerra civil espanhola houve também um grupo anarquista que era, na mesma medida, perseguido pelos vermelhos quanto pelos brancos.

A diferença entre caos e anarquia é aqui concebida como diferença entre a desordem no inabitado e no habitado. Desertos e florestas seriam formas. Neste sentido, o caos não é necessário ao niilista; não é um lugar ao qual está referido. Muito menos lhe agrada a anarquia. Ela poderia incomodar o rigoroso decurso no qual ele se move. Isto também vale para a embriaguez. Mesmo nos lugares nos quais o niilismo mostra seus traços sinistros, como nos grandes lugares de destruição física, domina sobriedade, higiene e rigorosa ordem até o extremo.

Do mesmo modo, deve-se ir com precaução ao encontro do parecer de que o niilismo é uma doença. Em algumas opiniões encontraremos antes a saúde física associada a ele – principalmente onde é fortemente impulsionado. No niilismo passivo isto se dá de modo diferente. Sobre isto reside o duplo jogo de sensibilidade crescente e ações que se elevam poderosamente, jogo que move nosso tempo. Em primeiro lugar, não se pode supor que o niilismo repousa sobre uma doença ou mesmo sobre uma decadência, embora ambas certamente sejam encontradas em abundância nele.

Na imponente realização de trabalho e vontade que o niilismo ativo se abarba, no seu desprezo pela compaixão e pela dor, na alternância de temperaturas altas e baixas às quais se expõe e na adoração do corpo e das forças deste lado que geralmente nele se encontram, é de se supor que lhe foi dada uma boa saúde. E, de fato, pode afirmar-se que ele é completamente capaz da medida

do esforço que atribui a si e aos outros. Neste caso, ele é semelhante ao jacobino que se pode considerar como um de seus precursores.

A singularidade reside sobretudo no fato de que tais ciclopes e titãs surgem num mundo no qual a precaução cresceu imensamente e onde propriamente se pretende acabar com a corrente de ar. No seio dos Estados de bem-estar, com seus seguros e previdências, da preocupação e da anestesia sem dor, vê-se emergir tipos cuja pele é curtida a partir de couro e cuja articulação é fundida em ferro. Devem ser figuras complementares da doutrina das cores. A universal fraqueza de nervos os exige. Perguntamo-nos por suas escolas, suas formas de fundição. Elas devem ser certamente diferentes.

Na primeira linha pode reconhecer-se a escola da guerra civil – a vida dos niilistas políticos e dos revolucionários sociais, os presídios e as penitenciárias (Sibéria). A isto acrescenta-se, em reflexo, também os expropriados, aviltados, desonrados e os que escaparam das ondas de terror, de limpeza e de liquidação. Vê-se uns triunfarem aqui e outros lá, ou também como na Espanha, se nivelarem morosamente uns aos outros. O que há de comum em todos estes encontros é a completa falta de misericórdia. O opositor não é mais visto como homem, está fora da lei.

289

Os materiais de carnificina da Primeira Guerra Mundial formam a outra vertente. Eles criaram os homens maleáveis e, com isso, um novo estilo de comércio e uma série de movimentos de *front* contra os quais a política tradicional ficou sem recursos. Pode-se prever que a Segunda Guerra Mundial criará figuras semelhantes, em especial na Alemanha e na Rússia. Na experiência decorrente do conhecimento daqueles anos orientais, inclusive do destino dos presos, oculta-se ainda um capital inexplorado de dor, a autêntica moeda de nosso tempo.

Importante neste contexto é, por fim, aquele caráter específico de trabalho, designado como esporte. Nele não somente se torna visível o empenho para tornar normal um alto grau de saúde física, mas também o impulso dos records, que vão até os limites da realização possível e, inclusive, os ultrapassam. No alpinismo, na aviação e no saltar obstáculos existem exigências que sobrepõem o que é humano e para cuja dominação exige-se um automatismo precedido pela mortificação. Tais records suspendem novamente a norma. O acontecimento também é transferido para as fábricas; ele produz aqueles heróis do trabalho que conseguem levar a cabo a jornada de vinte horas de um trabalhador explorado de 1913.

Observando a coisa por este lado, não se pode atribuir doença, decadência ou *morbidezza* ao desenvolvimento. Vê-se antes emergirem homens que, assim como máquinas de ferro, tomam seu curso, não tendo sentimento mesmo onde a catástrofe os despedaça. Na verdade, no máximo é estranho o teatro no qual correntes ativas e passivas se tocam, enquanto o plâncton cai por terra e emergem tubarões – aqui o mais suave impressionismo, lá ações explosivas, aqui compreensão fina e dolorida, lá vontade e desdobramento de poder em excesso.

O todo também se dá em termos literários, sim, em primeiro lugar em termos literários e, na verdade, mais unido do que supõe o homem contemporâneo. Há cem anos o grande tema é o niilismo, mesmo que somente venha passiva ou ativamente à exposição. Nisso não se trata do valor, se é fraqueza ou força que dão luzes à obra: são variantes de um e mesmo jogo. Em autores tão distintos como Verlaine, Proust, Trakl, Rilke e novamente em Lautréamont, Nietzsche, Rimbaud, Barrès, há, contudo, muita coisa em comum. A obra de Joseph Conrad é por isso notável, porque resignação e ação se mantêm equilibradas e estão estreitamente implicadas. Mas a dor existe aqui como lá, e também a vontade. A grande incisão reside no fato de a destruição ser, em primeiro lugar, sentida com sofrimento. Isto muitas vezes traz uma última beleza, como nas florestas o primeiro frio, também uma fineza que não havia em tempos clássicos. Então muda o tema, para o da resistência. Coloca-se a questão de como o homem pode, em vista da destruição, subsistir na corrente niilista. Esta é a mudança na qual estamos compreendidos; é a preocupação da nossa literatura. Isto se deixa comprovar com inúmeros nomes – como, para citar alguns, Wolfe, Faulkner, Maulraux, T. E. Lawrence, René Quinton, Bernanos, Hemingway, Saint-Exupéry, Kafka, Spengler, Benn, Montherland e Graham Greene. O que é comum a todos é o experimento, a provisoriidade da postura e o conhecimento da situação perigosa, da grande ameaça; estes são dois dados que determinam o estilo acima da língua, do povo e dos impérios, – pois que o estilo subsista e não somente viva na técnica, quanto a isso não pode haver dúvida.

Aqui ainda vale notar que, para uma completa abrangência de uma época, há a necessidade do conhecimento de suas asas mais externas, neste caso, tanto no encontro passivo quanto também no ativo com o nada. Neste duplo ataque reside o efeito que Nietzsche alcançou sobre os espíritos.

Isto quanto ao indivíduo, no que toca à saúde. Haveria de ser diferente com os povos e as raças? A resposta, na verdade, deve ser negativa, pois quase não se

pode supor que o niilismo somente seja próprio de povos antigos. Nestes vive uma espécie de ceticismo, que antes os protege. O niilismo, uma vez aceito, se desenvolverá com mais força sobre jovens e frescas linhagens. Ele agarra com mais força os que são primitivos, apartados e não cultivados do que o mundo capacitado com história, tradição e faculdade crítica. Tais âmbitos também são mais difíceis de serem automatizados. As forças primitivas, em contrapartida, penetram no enxerto. Por isso, iremos justamente neste âmbito de encontro com um modo de ardor que ataca não só a técnica das máquinas, mas também a teoria niilista. Este ardor se torna o substituto da religião. As teorias professorais do século XIX são santificadas. Por razões de segurança, recomenda-se para os viajantes de hoje conhecerem a situação, para ver até onde, nos países particulares, progrediu o iluminismo ou em qual nível ele permanece.

Se tivermos ocasião de observar mais de perto um grêmio niilista – não se precisa, neste caso, nem pensar num grupo de dinamiteiros (*Dynamiteros*) ou numa associação de caveiras (*Totenkopferband*), mas talvez numa reunião de médicos, técnicos ou funcionários da ciência que se ocupam com questões correspondentes – então certamente pode-se fazer muitas observações, mas provavelmente não acerca de uma determinada doença.

Com certeza a doença cresce. Para isso já aponta o sem número de médicos. Há uma medicina niilista cuja caracterização reside no fato de que não pretende curar, pois segue outros fins, e esta escola está se espalhando. A esta medicina niilista corresponde um paciente que quer permanecer na doença. Por outro lado, fala-se de uma saúde especial que pertence ao círculo dos fenômenos niilistas, de um frescor propagandista que desperta uma forte impressão de inofensividade física. Encontra-se ela nas camadas privilegiadas, assim como em fases da conjuntura que estão ligadas ao conforto.

Nietzsche tem razão em considerar o niilismo um estado normal e somente patológico quando não é mais comparado ou ainda não foi comparado com valores que tem validade. Como estado normal, ele abrange saúde e doença a partir de seu modo próprio. Numa outra passagem, Nietzsche emprega a imagem do vento do orvalho, que surtirá tal efeito que, ali onde a seu tempo ainda se podia andar, daqui a pouco ninguém mais poderá andar. A imagem é boa. O niilismo lembra, com sua violência destruidora e futurista, um vento quente que vem das montanhas. Bem semelhante é também o efeito sobre os sistemas – uns são amputados, outros tornam-se mais ágeis em seu bem-estar e

em sua espiritualidade. É sabido que em certos países os delitos são valorados de outro modo se tiverem ocorrido sob o distúrbio provocado pelo vento quente.

Isto nos conduz à terceira distinção, a saber, a que é encontrada entre o niilismo e o mal. O mal não necessita aparecer nele e particularmente não onde há segurança. Onde as coisas se aproximam da catástrofe, o mal está irmanado com o caótico. Ele então surge como uma circunstância que acompanha, como nos incêndios de teatros ou em naufrágios.

Por outro lado, os investimentos e programas de ações niilistas podem distinguir-se por meio do bom propósito e da filantropia. Muitas vezes seguem já como resposta para primeiras desordens, com tendência salvadora e continuam, contudo, acirrando os processos urdidos. É isto que nos leva ao fato de que por longas extensões o direito e a injustiça quase não são distinguíveis e, na verdade, menos distinguíveis para o comerciante do que para aquele que sofre.

Mesmo nos grandes crimes, o mal quase não emerge como fundamento movedor; haveria de aparecer, pois, alguém mau que fizesse uso do evento niilista. Tais naturezas trazem antes incômodos substanciais. A indiferença é mais apropriada. O que nos inquieta é menos o fato de que homens com uma história criminal prévia sejam perigosos do que o fato de que transeuntes, encontráveis em cada canto de estrada e atrás de cada postigo, penetrem no automatismo moral. Isto aponta para a queda do clima. Quando o clima melhora, vê-se as mesmas existências alegres voltando para o lugar onde moravam. O niilista não é um criminoso no sentido usual do termo, pois, para isso, deveria haver ainda uma ordem válida. Pelas mesmas razões o crime também não mais desempenha um papel para o niilista. Passa-se do contexto moral para o automático. Onde o niilismo se torna um estado normal, fica para o indivíduo somente a escolha entre modos de desonestidade. Os valores diretores não podem, contudo, vir de lugares onde não se está envolvido ainda com o acontecimento. A nova enchente subirá muito mais a partir de pontos profundos.

Se o niilismo fosse possível de ser questionado como algo especificamente mau, então o diagnóstico seria mais favorável. Contra o mal existem meios de cura comprovados. Mais inquietante é a fusão, ou melhor, o completo apagamento do bem e do mal que muitas vezes escapa aos olhos mais aguçados.

A maior esperança encerrada nesta época ainda não foi tocada. Se a palavra de Hölderlin é verdadeira, então a salvação precisa deitar raízes violentamente<sup>3</sup>. Em seu primeiro raio desbota aquilo que é destituído de sentido.

Somos muito mais prendidos pelos efeitos da virada que, não percebida pelas massas, já aconteceu. Aqui acham-se talvez sinais para uso prático no seio das tendências niilistas. Trata-se da descrição de sintomas e não de causas.

Num primeiro olhar podemos notar um traço central nestes sintomas que se deixa designar como o da redução. O mundo niilista, segundo sua essência, é um mundo reduzido que continua se reduzindo, correspondendo necessariamente ao movimento para o ponto zero. O sentimento fundamental que nele impera é o da redução e o de tornar-se reduzido. Em contrapartida, o romantismo não alcança mais isso, traz somente mais um eco da realidade desvanecida. A profusão se esgota. O homem sente-se como que explorado em múltiplas relações e não somente nas econômicas.

A redução pode ser espacial, espiritual e anímica; ela pode tocar o belo, o bem, o verdadeiro, a economia, a saúde e a política – mas sempre será percebida no resultado como diminuição. Isso não exclui que ela esteja ligada por amplas extensões ao crescente desdobramento de poder e força de penetração. Vemos isso sobretudo na simplificação da teoria científica. Ela recorta as linhas de fuga sob uma renúncia a dimensões. Isso remete aos fins das cadeias, como podemos estudar bastante bem no darwinismo. Característico do pensamento niilista é também a tendência de remeter o mundo, com suas emaranhadas e múltiplas tendências, a um nome. O ataque tem um efeito desconcertante, mesmo se somente por um momento. O ataque torna-se instruído, já que sua dialética expõe o melhor meio para desmontar o adversário, que fica sem reservas. Mas aí o atacado também recorre ao método. O meio poderá ser incontornável em certas fases do desenvolvimento niilista; no fundo, permanece como um sinal da redução.

A este sinal junta-se, além disso, o sumiço do maravilhoso e, com ele, somem não somente as formas de adoração como também a admiração como fonte da ciência. O que se denomina em tal estado de encantamento e admiração é sobretudo a impressão por cifras no mundo espacial e numérico. A imensidão sobressairá então em todas as direções – forma a correspondência para a ciência

---

<sup>3</sup>Jünger pensa nos versos iniciais do hino *Patmos* de Hölderlin: “Mas onde há perigo, cresce/Também a salvação.” (N. T.).

exata e, por fim, reduzida à pura medição. A vertigem diante do abismo cósmico é um aspecto niilista. Ela pode atingir sublimidade, como em *Heureca*, de E. A. Poe, mas sempre estará ligado a ela um medo especial relacionado ao nada.

Já Léon Bloy<sup>4</sup> colocou o crescimento do movimento em estreita correspondência com esta espécie de medo. Ele situa a invenção de máquinas sempre mais rápidas na vontade de fuga para uma espécie de instinto, mediante o qual o homem prevê ameaças contra as quais ele talvez possa se salvar indo rapidamente de um canto para o outro da terra. Isto seria então a contrapartida, o lado sombrio da vontade de potência: a percepção do vazio antes do tufão. A cada aumento de movimento completa-se uma redução. Assim como os ricos depósitos e recursos da natureza, a tranquilidade também é desconstruída e colocada em movimento.

Um sinal aparentado a isso pode ser apreendido na crescente tendência para o que é especial, a dissidência e a transferência para a particularização. Essa tendência também se manifesta nas ciências do espírito, onde o talento para a sinopse quase desaparece completamente, assim como também o ofício superior no mundo do trabalho. A especialização vai tão longe a ponto de o indivíduo somente divulgar uma ideia ramificada; somente mais contribui com um toque de mão na linha de produção. Não faltam teorias que procuram nesta especialização a causa da diminuição que emerge nas personalidades. Contudo, é exatamente o contrário que é correto, e, para tanto, os meios que são recomendados não atingem o fundo.

Esta individuação que inquieta nas ciências e na *práxis*, mas que eleva a circulação, corresponde moralmente à relação com o menor valor. O fato de os “superiores valores terem se desalvorados” conduz a novas entradas nesta região então esvaziada. Tais tentativas podem completar-se tanto nas igrejas quanto em todos os outros âmbitos. Uma entrada reduzida revela-se onde Deus é apreendido como “o bem”, ou onde se impele as ideias para o vazio.

Tal como num céu de deuses rebaixado, surgem religiões substitutas em número ilimitado. Sim, pode-se dizer que por meio do destronamento dos valores superiores todas e cada uma das religiões obtiveram a possibilidade da iluminação cultural e da doação de sentido. Não somente as ciências naturais entram neste papel. As visões de mundo e as seitas crescem; é uma época de apóstolos sem mensagens. Por fim, também os partidos políticos caem na sorte

---

<sup>4</sup>Léon Bloy (1846-1917) preparou o caminho para um catolicismo renovado e é um dos escritores muitas vezes citado por Jünger. O que lhe fascina nele é a fé inabalável que se ergue sobre todas as decadências humanas (N. T.).

da apoteose, sendo que ético é o que serve à suas doutrinas e a seus objetivos alternados.

Ainda muitos campos, nos quais a redução é bem clara, podem ser nomeados, como o da arte ou do erótico. Trata-se naturalmente de um processo que abarca o todo e que por fim conduz a paisagens extremamente economizadas, cinzentas ou consumidas pelo fogo. No melhor dos casos vem à frente a cristalização. A novidade não é o traço característico deste fato. É muito mais aquilo que já envolveu o mundo. Pela primeira vez observamos o niilismo como estilo.

Muitas vezes já se tornou patente na história humana, seja com o indivíduo seja em unidades menores ou maiores, a queda das hierarquias imortais com suas consequências. Sempre então existiam à disposição potentes reservas, seja no mundo elementar, seja também no instruído. Havia ainda terra selvagem em abundância e culturas inteiras permaneciam intocadas. Hoje, a redução, que também não é simplesmente redução, mas sim aceleração, simplificação, potencialização e impulso para objetivos desconhecidos, atinge todo o mundo.

295

Se observarmos o lado negativo da redução, a recondução do número para as cifras ou também dos símbolos para relações despojadas surge talvez como sendo o seu traço mais significativo. Isso então provoca a impressão de um deserto preenchido por um lamaísmo que gravita sob um céu estrelado. A medição de todas as relações se torna ininterruptamente mais importante. Há ainda a consagração, embora não se acredite nas transformações. Então reinterpreta-se a transformação, tornamo-la mais compreensível.

Um tipo remoto é o Dândi; ele ainda dispõe das medidas externas de uma cultura cujo ser começa a desaparecer. A prostituição pertence aqui à corporeidade despojada de símbolos. Não somente o comprável se aproxima, mas também a medição. A beleza torna-se avaliável por cifras, torna-se muito mais universal. A redução mais abrangente é a da pura causalidade. Em seus gêneros inferiores conta a observação econômica do mundo histórico e social. Aos poucos, todos os âmbitos se reduzem a estes nomes, inclusive o sonho, que tem sua sede tão afastada da causalidade.

E assim tocamos na dissolução do tabu, que primeiramente assusta, estranha, mas também estimula. A esterilização passa a ser algo natural. Constitui inicialmente uma façanha motorizar um carro fúnebre, temos então o fato econômico. Hoje um livro tão macabro como o de Evelyn Waugh, que

escreveu sobre o comércio funerário de Hollywood, vale como literatura de entretenimento<sup>5</sup>. A façanha ainda está em seu começo. Entrementes completou-se uma espécie de culminação que se furta à participação no rude processo niilista de atração.

Sobre o que se fundamenta a desavença que, entre outras coisas, ameaça colocar em perigo a existência dos partidos radicais e distingue tão significativamente os anos posteriores a 1945 dos posteriores a 1918? O fundamento pode ser suposto no fato de que nesse meio tempo ultrapassamos o ponto zero e, não só ideologicamente, mas também com o núcleo estabilizador que estava na base da ideologia. Isso então traz consigo uma nova direção do espírito e a percepção de novos fenômenos.

É pouco provável que estes fenômenos emergjam de modo surpreendente ou maravilhoso. A travessia da linha, a passagem do ponto zero, divide a peça teatral. Ela aponta para o meio, mas não para o fim. A segurança ainda está muito longe. Para tanto, a esperança torna-se possível. O estado do barômetro melhora, apesar do perigo externo, e isso é mais favorável do que se ele caísse com aspectos de segurança ainda subsistentes.

Tampouco é de se aceitar que os fenômenos imediatamente se deixarão reconhecer teologicamente, se tomarmos a palavra em sentido estrito. Antes é de supor que eles se tornarão visíveis naqueles campos aos quais hoje está presa a fé, portanto, exatamente nos campos do mundo das cifras. E, de fato, pode-se reconhecer que na fronteira onde se tocam a matemática e a ciência natural mudanças violentas estão em curso. Os aspectos astronômicos, físicos e biológicos se modificam de tal modo que ultrapassam em muito uma mera alternância de teoremas.

Ainda não chegamos, com isso, a sair do estilo de fábrica, embora uma significativa diferença se ilumine. A paisagem das fábricas como nós a conhecemos repousa essencialmente sobre uma profunda eliminação das velhas formas em favor da maior dinâmica do evento do trabalho. Todo o mundo das máquinas, dos meios de transporte e da guerra e suas destruições está aqui presente. A eliminação atinge a máxima intensidade com imagens assustadoras, como as da queima de cidades. A dor é monstruosa, mesmo assim se realiza no seio da destruição histórica a imagem do tempo. Sua sombra cai sobre a terra

---

<sup>5</sup>Evelyn Waugh nasceu em Londres em 1903 e recebeu em 1947 o prêmio da “Galeria de escritores católicos” (N. T.).

surribada, cai sobre o fundamento do sacrifício. A este se seguem os novos planos fundamentais.

O olhar ainda contempla a mudança das decorações, que deve ser distinguida dessas decorações do mundo do progresso e da consciência copernicana. Tem-se a impressão de que o teto, não menos do que o cenário, parece aproximar-se de modo extremamente concreto e entrar numa nova ótica. Já se pode prever que nesse teatro surgirão também novas figuras.

Ao lado disso, ninguém deixará de notar que no mundo dos fatos o niilismo se aproxima dos últimos objetivos. Na entrada de sua zona somente a cabeça estava em perigo, o corpo, em contrapartida, ainda estava em segurança. No entanto, dá-se o contrário. O corpo está para lá da linha. Assim, eleva-se o baixo dinamismo que impele até à explosão. Assistimos ao horripilante açambarcamento de pessoas assassinadas que são incluídas no cálculo da destruição indiferente de grande parte da raça humana. Não é casual que aqui atuem forças idênticas; que discriminam os soldados que ainda conhecem regras de combate e a diferença entre soldados e civis.

Desse modo, o evento não deve ser julgado como pura e simplesmente destituído de sentido. Não ajuda em nada fechar os olhos diante dele. Ele é a expressão da guerra civil mundial, na qual estamos metidos. A monstruosidade das forças e meios permite concluir que daqui em diante o todo estará em jogo. Daqui decorre a vulgaridade do estilo. Isso tudo aponta para o Estado mundial. Não se trata mais de questões nacionalistas, também não mais de demarcações de grandes espaços. Trata-se do planeta em geral.

Esta é uma primeira visão de esperança. Pela primeira vez dá-se um objetivo sólido, substancial, no seio do progresso sem margens e em sua mudança. Também a vontade de o alcançar não é de modo nenhum da ordem do poder político - muito mais corresponde à opinião que se escuta em cada esquina, em cada repartição.

Ao mesmo tempo haveria de crescer a opinião de que uma Terceira Guerra Mundial, mesmo que não seja inverossímil, também não é inevitável. Não está excluída a possibilidade de a unidade mundial ser alcançada por meio de acordos. Isso, na verdade, haveria de pressupor o nascimento de uma terceira força, a qual, por enquanto, só é pensável como sendo a Europa unificada. Também a reviravolta poderia atingir uma medida que já na paz deixaria um dos concorrentes fracassar. Então tem-se o imprevisto. Tudo isso impele para o juízo

de que junto a uma suficiente força de espírito não há motivo nem para otimismo nem para desespero.

### 3

O que fazer em tal situação? Um sem número de pessoas medita sobre esta questão. É o tema de nossa época. Também não faltam respostas. Ao contrário, é a multiplicidade delas que confunde. A saúde não nasce do fato de todo mundo ser médico.

As verdadeiras causas de nossa situação são desconhecidas, e não serão clareadas por meio de um esclarecimento precipitado. Este mal toca nas derivações secundárias. Pode ser que estejamos julgando de modo muito otimista. Também pode ser que a proximidade da catástrofe nos confunda a visão e que fases tardias da totalidade de uma época possam lançar luzes. Isso seria então um sinal de que o niilismo se aproxima de seu fim. Talvez em curto prazo de tempo possamos vê-lo em contextos completamente diferentes.

Igualmente está reduzido o conhecimento dos meios de cura. A situação perderia sua dificuldade se soubéssemos de um grande arcano. O desconhecimento, o risco, o medo determinam-na muito antes e cada tentativa superior de forçá-la permanece um experimento. Ao contrário, pode-se supor que quem recomenda receitas seguras é ou um charlatão ou um daqueles que ainda não percebeu o que a situação realmente compreende. Seja na ciência ou em qualquer outro lugar – o tipo de segurança permite concluir que resquícios do século XIX ainda não se reduziram completamente.

Em contrapartida, muitos modos de procedimento e acenos práticos em vista do movimento no campo niilista podem ser recomendados, pois, enfim, experiência é o que não falta. O homem livre, por razões de autossustentação já está obrigado a pensar sobre o modo de como pretende portar-se num mundo em que o niilismo não só impera, mas, o que é pior, também se tornou um estado normal. Que uma tal reflexão já se pôde tornar possível, nisso reside um sinal de um clima melhor, mais aberto, de uma visão que se tornou possível para além do âmbito das violentas alucinações.

Em relação à ótica, pode ser citado mais um inconveniente, que deve aparecer como algo que incomoda, inclusive inapreensível para quem está nesta ampla região inexplorada. O inconveniente está associado ao fato de que, na

passagem do meridiano zero, as cifras antigas não mais conferem e que um novo cálculo deve ser iniciado.

Isso vale principalmente em relação à destruição necessária. A postura conservadora, com seus representantes do respeito, já muitas vezes digna de admiração, não consegue mais apreender e deter o movimento crescente, tal como isso ainda parecia possível após a Primeira Guerra Mundial. O conservador sempre somente poderá proteger-se em regiões parciais que ainda não entraram em movimento, como a monarquia, a nobreza, o exército e a terra. Mas onde tudo começa a escorregar, perde-se o ponto de partida. Ao mesmo tempo, vê-se os jovens conservadores passarem de teorias estáticas para dinâmicas: eles procuram o niilismo em seu território.

Este é um sinal de que as coisas prosperaram extremamente desde os dias do velho oportuno Marwitz. Na época ainda havia a aparência de que apenas um depósito, uma casa de comércio estava pegando fogo. Para o fogo maior e de superfície são necessários outros preparativos. Aqui pensa-se em novos planos.

Não há dúvida de que a nossa existência como um todo se move sobre a linha crítica. Desse modo, modificam-se os perigos e a segurança. Não se pode mais pensar como é possível salvar uma casa, uma habitação particular, do temporal de fogo. A astúcia aqui não ajuda, não adianta fugir. Ao contrário – à existência assim salva adere um sopro de contrassenso, no melhor dos casos, de musealidade. É o que também vale espiritualmente; por isso, hoje não há muito significado em um pensador manter seu ponto de vista durante décadas. Mesmo o desenvolvimento parece não alcançar esses mundos singulares – mas muito antes a metamorfose no sentido de Ovídio.

Mas, que figuras se oferecem ao espírito que se move segundo a salamandra pelo mundo do fogo? Aqui ele vê formações que se entrelaçam à moda antiga: é impossível que se mantenham, mesmo que estejam no Tibet. Lá ele vê a linha, onde todos os valores se desfazem e onde a *dor* assume seu lugar. Então ele novamente vê traços que se anunciam. Os traços exigem sobretudo um olho crítico; eles só podem ser germes ou algo como pontos iniciais, de cristais. E todos estes rebentos pedem um outro ataque, rebentos que devem aparecer confusos e cheios de contradição para quem não consegue realizar para si os lados negativos e positivos da destruição. Uma confusão babilônica divide as inteligências que tem como tema o exato estado do ponto nulo. Daqui, decerto, também resultará o conhecimento do futuro sistema de coordenadas.

Uma outra ótica também possível é aquela para a qual a linha aparece como região profunda, como no caso do desenterramento. Caminha-se para a ordem na medida em que se retira os escombros do tempo e se abaixa as construções lavradas. Neste propósito, vemos espíritos potentes fazerem uso da violência niveladora que habita métodos e terminologias niilistas. Aqui se situa o “filosofar com o martelo”, do qual Nietzsche se gabava, ou o título de “empreendedor da destruição”, que Léon Bloy imprimiu em seu cartão de visita.

A questão decisiva reside em saber até onde o espírito se subordina e se o passo do deserto conduz a novos poços. Esta é a tarefa que nossa época abriga. À medida que a solução depende do caráter, todo mundo toma parte dela. Existe por isso também uma pergunta pelo valor fundamental, que hoje deve ser dirigida para pessoas, obras e instalações. Ela soa: em que medida passaram pela linha?

A confusão acima mencionada surge primeiramente onde se supõe, com razão, estar o ponto essencial de nossas dificuldades, a saber, nas questões de fé. Já a *suposição* é um avanço para melhor perante a completa indiferença do liberalismo tardio e coisas piores. As catástrofes da Segunda Guerra Mundial tornaram clara para muitos uma falta e, principalmente para as grandes massas, uma falta que ainda nunca haviam sentido. Esta é a força produtiva da dor. E tais impulsos para a cura tem um valor de cultivo e de consideração especiais.

Reside na natureza da questão que em tal estado imediatamente se ofereçam as igrejas. Este é o seu ofício para o qual estão destinadas. Mas logo se levanta também a questão: em que medida estão capacitadas para ajudar ou, em outras palavras, em que medida ainda estão na posse dos meios de cura? A questão não deve ser colocada fora de alcance, pois exatamente nas construções não vistoriadas poderiam estar especialmente concentrados os materiais para o ataque niilista. Isto então resultaria no quadro que no começo descrevemos: o teatro de uma bênção que não possuiria uma correspondência na transcendência e, com isso, seriam gestos vazios, atos maquinais como todos os outros – inclusive estando abaixo, porque simulariam valores. Este é o instante em que a rotação do motor se torna mais intensa, adquire mais sentido do que milhares de retomadas de fórmulas na oração. Muitos que tiveram seus olhos aguçados pelo niilismo se assustam frente a isso.

A questão assim colocada não ficará muito tempo suspensa: *isso pode ser antevisto*. O instante, no qual a linha é ultrapassada, traz uma nova dedicação ao

ser e, com isso, começa a cintilar o que é real. Isto também será visível para olhos obtusos. A isso se ligam novas festas.

Mas não se pode julgar acerca da questão estando deste lado da linha. No caso do conflito niilista, sem dúvida que é mais inteligente, como também mais digno, permanecer do lado das igrejas do que do lado daqueles que a atacam. Isso só se mostrou a pouco tempo e ainda hoje se mostra. Pelo menos ainda se pode agradecer, afora alguns soldados autênticos, à igreja que não tenha caído sob o júbilo das massas, num manifesto canibalismo e numa entusiástica adoração da animalidade. De vez em quando ela está bem próxima disso; já nas bandeiras se iluminava e ainda se ilumina o brilho de festas recentes. As outras forças, quanto mais sociais e humanas se conduziram, deram aos calcanhares. Não se deveria mais ser-lhes prestativos em sua decomposição seca.

O amplo recuo das igrejas ou oferecerá as massas totalmente ao coletivo técnico e sua exploração ou as levará aos braços daqueles sectários e charlatões, que hoje se arvoram em cada esquina. Aqui desemboca um século de progresso e dois de iluminismo. Ouve-se também o conselho para deixar as massas à sua vontade, que tão claramente as leva à destruição. Isto significaria eternizar a escravidão, na qual milhões estão sequiosos, o que sobrepuja os terrores dos antigos, mas sem a luz que havia neles.

Para afastar equívocos correntes é isto que se quer dizer antes de mais nada. Assim podemos afirmar que a teologia de modo nenhum se encontra num estado em que possa concorrer com o niilismo. Ela se debate muito mais com a retaguarda do iluminismo. Está, portanto, ela mesma ainda enrolada na conversa niilista.

Muito mais esperançoso é o fato de as ciências particulares avançarem a partir de si mesmos para imagens que permitem uma interpretação teológica – sobretudo a astronomia, a física e a biologia. Elas parecem, devido à expansão, novamente se aproximar da concentração, da perspectiva mais limitada, mais aguçada e, com isso, talvez também mais humana, pressuposto que se conceba de novo esta palavra. Devemos nos proteger aqui da explicação apressada, os fatos falam melhor. Aos experimentos são agora atribuídas novas questões. Isso também traz novas respostas. Para a apreensão conjunta delas a filosofia não será suficiente.

A falta será menos sentida onde o culto religioso é satisfatório – no núcleo ortodoxo. Ele é talvez o único que atravessou a linha sem se decompor ou, se for decomposto, trará monstruosas mudanças. A falta também emergirá com mais

intensidade com os protestantes do que com os católicos. Por isso, com eles o impulso também será dirigido mais fortemente contra as intrigas mundiais e o bem-estar. A decisão não será de nenhum modo possível de ser retirada dos cumes espirituais. Isto permite que temas teológicos penetrem sempre mais na literatura. Na França, isso remonta a uma antiga tradição. A aproximação ou a delimitação frente ao autor da igreja sempre forma, assim, conflitos recorrentes. A nova exegese conduz a uma discussão de profetas e pontífices que, assim como aquela entre Kierkegaard e o bispo Mynster, sempre se repete. O romance teológico, que se decompôs com estrelas, começa novamente a emergir nos países anglo-saxões. De vez em quando, inclusive, dedicam sua pena a ele os mesmos que a pouco ainda se ocupavam com a descrição do super-homem ou do “último homem”.

Estes três fatos: a inquietação metafísica das massas, a emergência das ciências particulares do espaço copernicano e o surgimento de temas teológicos na literatura mundial são aspectos positivos de nível superior que podemos com razão opor a um julgamento da situação puramente pessimista ou voltado para uma crítica decadente. Aqui surge uma espécie de elã, com uma disposição ao mesmo tempo sóbria e forte, que nessa clareza não se pôde encontrar após 1918. Este elã pode precisamente ser encontrado ali onde a dor foi mais intensa e caracteriza a juventude alemã. Mais significativa na vitória do que outrora ela surge quando, depois de uma tal prova, a vemos voltar para casa dos destroços, das caldeiras e dos cativeiros dizimadores. Falta ainda o atrevimento, mas para isso uma nova coragem que nela reside está crescendo e disposta a esvaziar o cálice. Tudo isso enfraquece no ataque, e dá forças monstruosas para a resistência. Elas concrestem junto aos desarmados.

Onde hoje se mostram disposição, vontade para o sacrifício e, com isso, substancialidade, sempre está próximo o perigo da exploração sem sentido. A exploração é o traço fundamental do mundo de máquinas e do mundo automatizado. Ela cresce até a insaciabilidade quando surge o leviatã. Em relação a isso também não devemos nos enganar onde a grande riqueza parece dourar as escamas. O leviatã é ainda mais temível no conforto. A época dos Estados monstros irrompeu, como Nietzsche havia professado.

A derrota sempre permanece lastimável. Contudo, ela não conta àqueles males que estão completamente do lado sombrio; ela também tem vantagens. Nesta situação, alguém que é significativo é também mais moral, na medida em

que ela exclui as ações e com isso também a cumplicidade que estão associadas a ela. Desse modo, pode crescer uma consciência jurídica que está acima dos atores.

Não deveríamos nos entregar a essas e outras vantagens apenas para participar de ações questionáveis. Já caem as sombras de novos conflitos sobre nosso país. O alemão será desejável aos olhos dos inimigos, não somente pela situação central de seu país, mas também por causa da força elementar que se move nele. Isso melhora sua situação e traz novos perigos. Força-o a se ocupar radicalmente com problemas que apenas para a visão tosca são políticos.

A discussão com o leviatã que se impõe ora como tirano externo ora como interno é a mais abrangente e universal em nosso mundo. Duas grandes angústias dominam os homens quando culmina o niilismo. Uma reside no susto diante do vazio interior, o que os força a se manifestar no exterior a todo preço – por meio do desdobramento de poder, domínio de espaço e rapidez elevada. A outra atua de fora para dentro, como ataque do mundo poderoso ao mesmo tempo demoníaco e automático.

A invencibilidade do leviatã em nossa época repousa sobre este duplo jogo. Ela é ilusória; é aqui que reside sua força. A morte que ela proclama é ilusória e, *por isso*, é mais temível do que a morte em campo de batalha. Mesmo fortes guerreiros não podem com ela, suas incumbências não passam por cima das ilusões. Por isso, a fama da guerra precisa desbotar onde uma última realidade, sobreposta à aparência, é exigida.

Se desse certo fazer tombar o leviatã, o espaço tornado livre deveria ser preenchido. Mas para tal preenchimento, a situação interior e o estado sem fé são incapazes. Por essas razões, onde vemos cair um retrato do leviatã crescem novas formações iguais a cabeças de hidras. O vazio as exige.

Dificuldade idêntica torna impossível afastar do interior dos Estados os abusos que são dirigidos contra o indivíduo. Poderíamos pensar situações, nas quais pequenas elites se reuniriam e assim, como antigamente com o *demos*, hoje poderiam quebrar os dentes do leviatã e danificá-lo. A consequência seria então a sua decadência. Nós já vivenciamos isso. Do mesmo modo, poderíamos supor partidos, e inclusive cheios de sentido, que se poderiam armar contra aquelas burocracias por meio das quais a exploração pólipa é praticada. Eles poderiam assegurar-se da maioria, inclusive ter aplauso unânime; mas nada seria mudado. A realização de idílios de breve vida ainda é o melhor que se pode esperar. Então se formariam novos centros, caso o leviatã não simplesmente de fora agarrasse

bens da vítima acomodada para lixiviá-la ainda mais fortemente do que os próprios senhores coagentes. O leviatã ama as ideologias quietistas e as propaga, ainda que somente para os outros.

Mas tão simples as coisas não são. Também o homem da rua vê isso de modo admirável e sóbrio. Por fim pagou caro a lição. A época das ideologias, como ainda eram possíveis depois de 1918, passou; elas somente ainda estão colocadas para as grandes potências como arrebiques totalmente leves. A mobilização total entrou em tal fase (*Stadium*) que, em termos de ameaça, até supera o passado. Com certeza o alemão não é mais seu sujeito e, com isso, cresce o perigo que possa ser tomado como seu objeto.

É claro que o evento não se deixa responder tão facilmente a ponto de que se possa ignorá-lo. Ele exige uma postura política, tão mais urgente quanto maior desproteção subsistir – também quando a decisão política é reduzida e quase somente se restringe à escolha dos protetores.

A isso se acrescenta a suposição de que o todo é necessário e que em seus objetivos finais é pleno de sentido. A formação de grandes espaços e, sobretudo, seu crescente caráter de guerra civil aponta para o fato de que não se trata mais de movimentos de Estados nacionais, mas sim de movimentos pela preparação de uma unidade abrangente, no seio da qual então se espera, por sua vez, uma proteção maior e uma vida livre para os povos.

A situação de desarmamento tem a vantagem de apontar para tratados. Assim, vê-se antes o outro lado. Aquele que está desarmado, está condicionado a apelar moralmente, e quando se excede nisso, está colocado em perigo de modo especial. Os inimigos de ontem tentarão atraí-lo em suas novas ações, também tentarão oferecer-lhe presas ilusórias. Ele perderá suas boas e autênticas reivindicações se estiver de acordo com isso. Ninguém é mais forte do que aquele que conhece os limites de seu direito e constrói em vista deles. Somente para este a época torna-se real.

Um dos estratagemas do leviatã consiste em fazer com que a juventude acredite que sua oferta é idêntica à da pátria. Desse modo, ele embolsa os melhores sacrifícios.

O caminho que não procura, nem a partir do interior nem a partir do exterior, garantir a segurança: é este o nosso caminho. Poetas e pensadores descreveram-no mais precisamente, mais conscientemente, em cada novo passo.

É o caminho pelo qual as catástrofes se distinguem sempre mais claramente e de modo sempre mais gigantesco.

Em tal apuro, se oferece a organização aos homens. A palavra é aqui apreendida em sua abrangência mais ampla, sobretudo como ordem por meio de saber e ciência. A ela se seguem simplificações econômicas, técnicas e políticas. É impossível que o homem nesse estado desdenhe os recursos a ele oferecidos. Muito lhe será retirado por causa disso, sobretudo a decisão torturante, a resolução pessoal. No contexto dessa ordem ele também cria para si segurança. Com certeza o sem número de decisões retiradas se transfere para poucas centrais. Desse modo, emerge o perigo das catástrofes universais.

Pode-se antever que a poda da liberdade ainda vai continuar. Ela também existe onde se supõe ingenuamente estar de posse das resoluções. Há uma diferença quando os meios para o aniquilamento de povos são engenhados ou multiplicados por oligarquias tirânicas ou por decisões parlamentares? Há uma diferença decerto: no segundo caso, a pressão universal se torna ainda mais clara. O medo domina a todos, mesmo que também possa se manifestar aqui por meio da tirania ou lá por meio do fato. Enquanto o medo reinar, tudo será conduzido em torno de um círculo apático, e sobre as armas repousará um brilho funesto.

305

Desse modo, levanta-se a questão de saber se mesmo em campos reduzidos ainda é possível haver liberdade. Certamente ela não é dada por meio da neutralidade – sobretudo não por meio daquela ilusão atroz de certeza, na qual se arrisca, para se moralizar, aquele que está na arena.

Igualmente não se deve recomendar ceticismo, principalmente não aquele ceticismo que torna tudo visível. Os espíritos que dominaram a dúvida e dela se aproveitam chegaram, daqui em diante, muito mais à posse do poder, e então a dúvida para eles é sacrilégio. Eles exigem para si e seus padres de igreja adoração como nunca o exigira para si um imperador ou um papa. Aqui pode-se suspeitar se alguém ainda teme tortura ou trabalho forçado. Não devem ser muitos. Tornar-se desse modo visível significa exatamente dar provas de estar servindo ao leviatã, o que o agrada e em vista de que conserva exércitos de policiais. Recomendar isso para os oprimidos, a partir de seguros púlpitos de rádio, é algo considerado puro crime. Diante daqueles que discursam, os tiranos de hoje não têm medo. Isto ainda era possível nos bons velhos tempos do Estado absolutista. Muito mais temeroso é o silêncio – o silêncio de milhões e também o silêncio dos mortos, que dia após dia se torna mais profundo, e que não ressoem

tambores até que o julgamento o tenha conjurado. No nível em que o nihilismo se tornar normal, os símbolos do vazio se tornarão mais temerosos do que os do poder.

Mas a liberdade não mora no vazio, ela está muito mais na desordem e na não distribuição, naquelas regiões que, na verdade, são organizáveis, mas que não podem ser acrescentadas à região da organização. Queremos denominá-la de deserto; ela é o espaço no qual o homem não só pode conduzir a batalha, mas também de onde pode ter a esperança de sair vitorioso. Isto então com certeza não é mais um deserto romântico. É o fundamento originário da existência humana, a espessura da qual o homem um dia irá irromper como um leão.

Mas também existem em nosso deserto oásis, onde floresce o espaço selvagem. Jesaja reconheceu isso numa idêntica época de virada. Estes são os jardins, aos quais o leviatã não tem acesso e em torno dos quais vagueia com raiva. E isso é, em primeiro lugar, a morte. Hoje como nunca há homens que não temem a morte, que também estão infinitamente sobrepostos ao grande poder temporal. É nisso que também reside a razão de sempre ser necessário espalhar um terror ininterrupto. Os detentores do poder vivem sempre na representação decepcionante de que não somente as pessoas isoladas, mas de que muitos possam sair do terror; isto seria a sua queda certa. Aqui também está o autêntico fundamento para a irritação contra toda doutrina que transcende. E nisso dormita o maior perigo: que o homem deixe de ter medo. Existem regiões da terra onde já se persegue a palavra "metafísica" como uma heresia. O descrédito de qualquer adoração de heróis e de qualquer grande figura humana nestes lugares compreende-se por si mesmo.

O segundo poder fundamental é Eros; onde duas pessoas se amam há uma redução da região do leviatã, cria-se um espaço não controlado por ele. Eros sempre triunfará sobre todas as formações tirânicas, como o autêntico mensageiro dos deuses. Nunca haverá erro quando se for para o seu lado. É nesse contexto que tocamos as raias dos romances de Henry Miller - neles o corpo é levado de encontro a técnica. Traz-se redenção das pressões da época; destrói-se o mundo da máquina na medida em que se está voltado contra ele. O sofisma reside no fato de que esta destruição é pontual e constantemente deve ser elevada. O sexo não contradiz, mas corresponde ao transcurso técnico no organismo. Nesse nível, ele está tão aparentado ao titânico como o derramamento de sangue sem sentido, pois os impulsos contradizem apenas onde, seja por amor seja por sacrifício, conduzem para fora. Isto nos torna livres.

O Eros também vive na amizade que, perante a tirania, experimenta as últimas provações. Aqui ela é apurada e provada como ouro em forno. Nos tempos em que a suspeita penetra até na família, o homem se adapta à forma do Estado. Ele se arma como uma fortaleza, da qual nenhum sinal impele para fora. Onde uma troca, ou até mesmo a omissão de um gesto pode significar a morte, impera grande vigilância. Pensamentos e sentimentos permanecem trancados no âmago; afasta-se mesmo o vinho, porque ele desperta a verdade. Em tal situação, a conversa com o amigo de confiança pode não somente consolar infinitamente, mas também fazer retornar e confirmar o mundo em suas medidas livres e justas. Um homem é o suficiente para testemunhar que a liberdade ainda não sumiu. Mas é deles que precisamos. Então crescerão em nós as forças para a resistência. Os tiranos sabem disso, e procuram eliminar o humano na universalidade e no espaço público – tal fato mantém distante o incalculável, o que está fora da ordem.

A liberdade e a vida das musas estão completamente irmanadas, tanto que vêm florescer lá onde a liberdade interior e exterior estão numa relação a mais favorável possível. A criação baseada nas musas, isso significa, a obra de arte, ainda está interna e externamente conforme a uma enorme resistência. Isso a torna tanto mais lucrativa. Também na obra de arte o nada se nutre com força monstruosa; é o que torna o ato de criação consciente. Costuma-se expressá-lo como *déficit*; contudo, deveríamos antes ver nisso o estilo da época. Em toda criação baseada nas musas, em qualquer campo em que ela sempre estiver atuando, oculta-se hoje um forte ingrediente de racionalidade e de autocontrole crítico – isso exatamente é sua legitimação, o signo temporal, no qual se pode reconhecer a autenticidade. A ingenuidade reside hoje em outros estamentos do que a 50 anos, e exatamente esse fato cai no círculo da retomada mecânica, o que contradiz esta lei. Precisamos hoje transformar o espírito consciente em instrumento que soluciona. Ele é para nós a matéria do que não é expressável e, com nossos meios, suas imagens se deixam também elevar para o que é eternamente válido. A autenticidade reside na limitação do que nos foi dado.

Ignorar o mundo em que vivemos não pode ser o sentido da arte – e isso traz consigo que ela é menos alegre. A superação e dominação espiritual da época não se retratará no fato de perfeitas máquinas coroarem o progresso, mas sim no fato de ela alcançar forma na obra de arte. Aqui ela se salva. As máquinas decerto nunca serão obras de arte, mas o impulso metafísico que anima todo o mundo das máquinas pode manter o mais alto sentido na obra de arte e, com

isso, introduzir nela repouso. Esta é uma distinção importante. O repouso habita na figura, também na figura do trabalhador. Se observarmos o caminho que a pintura trilhou neste século, poderemos intuir os sacrifícios que aqui são trazidos. Poderemos talvez também intuir que ela conduz para o triunfo, para o qual o puro serviço no belo não é suficiente. Ainda é discutível o que poderemos reconhecer como sendo o belo.

Quase não encontraremos um homem que em seu jardim deixará imperar de tal modo o elemento econômico que as flores também ali não possam achar seu lugar. Ao mesmo tempo, seus canteiros adquirem vida superior e o que é puramente necessário é levado a sobressair-se. A mesma coisa experimentará o homem em nossa ordem, o homem comprimido em nossos Estados, que se volta para a obra de arte, e seja somente para um breve usufruir. Pode ser que ele somente possa se aproximar dela nas catacumbas, tal como Cristo da cruz. Nos âmbitos do leviatã impera não somente o estilo ruim, mas também o homem das musas deve necessariamente ser contado entre os mais significativos inimigos. A perseguição desterra o artista. Em contrapartida, os tiranos dão prêmios para os mantenedores de escravos espirituais. Eles profanam a poesia.

Algo semelhante se dá com o pensador nesta época. Ele está numa ameaça idêntica, que se completa nos limites do nada. Com isso, ele reconhece o medo em suas origens, que é percebido pelos homens como pânico e em revezes cegos. Imediatamente ele também é aproximado daquilo que salva, que Hölderlin vê como estando junto do perigo.

Assim, chegamos à estranha simetria que leva hoje o poeta e o pensador a uma correspondência espelhada. A poesia tornou-se, de um certo modo, consciente, o que recai sobre todo impulso primordial. A luz penetra até na rede dos sonhos e dos mitos primordiais. A isso se liga a crescente participação da mulher no âmbito espiritual. Desse lado da linha, o espírito pertence ao processo de redução; somente do lado de lá se mostrará se e a quais ganhos ele está ligado. Se hoje aparecesse no mundo um estrangeiro com inteligência, ele poderia concluir, a partir da poesia, que o conhecimento dos raios X, inclusive dos fenômenos nucleares, necessita subsistir. A pouco tempo esse não era o caso e é admirável quando se reflete acerca de quão devagar a palavra segue a marcha do espírito. Assim, é na linguagem que o sol sempre ainda nasce.

Se é então no poeta que a linguagem abaúla semelhante a um receptáculo pelas esferas espirituais, é no pensar que ela desce sua raiz até ao que é

inseparável. Estes são movimentos imediatamente próximos do nada, e ambos vão um ao encontro do outro. O estilo de pensamento é inteiramente diferenciado do das épocas clássicas, como, por exemplo, da época do barroco, onde ele era caracterizado pela completa certeza, pela soberania da monarquia absoluta. O estilo de pensamento propriamente não pode mais manter a reivindicação do positivismo: que em todo campo no qual o espírito se lança domine a clara consciência com suas leis. A grande flutuação decorrente do desconhecido não somente superou todo fluviômetro, mas também as marcas dos maiores níveis de água conhecidos. Aqui a certeza se torna questionável, também no campo espiritual, inclusive chega a incomodar como em toda posse assumida. O pensamento necessita procurar outras seguranças e evoca outros motivos afastados, como o da gnose, o dos pré-socráticos, o dos eremitas que colonizavam Tebas. Novos e, contudo, antiquíssimos motivos condutores emergem, como o da angústia. Mesmo assim, pode-se sustentar que este pensamento acusa marcas precisas, como herança do século XIX e de sua ciência. Mas onde se encontram o determinado e o indeterminado – a ameaça com a precisão? Em alguns âmbitos, como no experimento.

309

Com efeito, o experimento também pertence aos caracteres desse pensamento. Esse é inclusive o estilo que não somente designa a pintura e a ciência, mas também a existência do indivíduo. Procuramos mutações, possibilidades, sob as quais a vida em um novo e longo espaço de tempo possa ser condutível, tragável ou, talvez, feliz. O experimento científico com suas questões dirige-se para a matéria. Todos conhecemos as respostas inauditas que a ciência deu e que ameaçam o equilíbrio do mundo. É somente por causa disso que deve ser restabelecido, para o pensamento, para que ele possa adquirir respostas a partir do cosmos espiritual e que ainda devam ser sobrepostas àquelas respostas materiais. A particularidade de nossa situação permite concluir que estes atos de pensamento devem preceder temporalmente as posições teológicas, se bem que já estão predispostos a elas – talvez não somente os atos de pensamento, mas também a onda das ciências em geral, como uma rede, na qual se captura outras presas do que as esperadas.

É evidente que aqui o pensamento que herdamos não é suficiente. Não se pode dizer, contudo, que em termos gerais também no pensamento esteja se completando uma operação dirigida contra o século passado – seu estilo, principalmente seu estilo de conhecimento é antes alargado e aprofundado. Por meio disso, ele então também é modificado manifestamente, talvez de modo

fortemente desnivelado – como também o assalto de novas energias materiais se baseia no trabalho erudito de nossos pais. Na verdade, são menos novas operações e métodos do que novas forças que respondem. Isso deixa supor claramente que desde o início estão presentes nos métodos outros objetivos do que aqueles almejados.

No entanto, estamos numa desmesura. Aqui a certeza é menor junto a uma maior esperança pelo produto. *Caminhos da floresta (Holzwege)*<sup>6</sup> é para tanto uma bela e socrática expressão. Ela indica que nos encontramos à margem das estradas firmes e no seio da riqueza do inseparável. Junto a isso encontra-se a possibilidade do fracasso.

A censura ao niilismo conta hoje àquela mais difundida, e todo mundo gosta de ser seu inimigo. Provavelmente todos tenham razão. Deveríamos, por isso, nos repreender e não se demorar com aqueles que infatigavelmente estão à procura de culpados. Aquele que menos conhece a época é aquele que não experimentou em si o terrível poder do nada e não sucumbiu à tentação. O próprio peito: isto é, como antigamente em Tebas, o centro do mundo desértico e de ruínas. Aqui é o inferno por onde penetram os demônios. Aqui cada um está na luta imediata e soberana, seja qual for sua estatura ou estado, e com sua vitória modifica-se o mundo. Se é mais forte neste âmbito, o nada se encolherá em si. Ele deixará para trás na linha da praia os tesouros que foram inundados. Eles compensarão os sacrifícios.

Submetido: 5 de maio de 2021

Aceito: 2 de junho de 2021

---

<sup>6</sup>Referência à obra de Heidegger com o mesmo título, publicada em 1950 (N. T.).